BULLYING COMO FORMA DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

NELMA GOMES RODRIGUES

RESUMO

Este trabalho tem como tema bullying como forma de violência na escola, e tem o objetivo de examinar e discutir a respeito da responsabilidade das escolas frente ao bullying sofrido por um aluno, buscando definir a responsabilização dos estabelecimentos de ensino, mostrando que a vítima tem direito à reparação. Como a instituição de ensino, tem por dever resguardar a integridade física e psicológica de seus alunos, mostra-se importante debater a natureza da responsabilidade civil das escolas por atos agressivos cometidos por seus alunos. A metodologia utilizada é por meio de referências bibliográficas. Os resultados e discussões mostram que o fenômeno bullying vem crescendo de forma desenfreada em nossa sociedade, causando dor e sofrimento psicológico em suas vítimas, não podendo ser encarado como algo inofensivo. Conclui-se então que a partir da análise do comportamento, procurando demonstrar que as consequências do bullying escolar afetam a todos os envolvidos, entende-se que existem práticas pedagógicas para combater essa violência.

Palavras-chave: Responsabilidade das escolas; Bullying; Violência Escolar.

1. INTRODUÇÃO

Na década de 2000 o fenômeno do bullying ganhou projeção na mídia nacional e internacional, sendo largamente difundido nos meios digitais, com a criação de inúmeros sites na internet sobre a temática – a palavra bullying retorna no buscador Google cerca de 12 milhões de páginas, sendo que apenas 2,5% delas são de sites em língua portuguesa. No Brasil o fenômeno é objeto de poucos estudos e, apenas recentemente, uma pesquisa nacional promovida pelo Ministério da Educação.

Abordou o tema, ainda que de forma indireta. A utilização do conceito apresenta algumas fragilidades. O próprio termo bullying causa estranhamento nos ambientes acadêmico e escolar, por se tratar de uma importação pouco adaptada às questões próprias da violência no ambiente escolar brasileiro.

Como resultado, o bullying ainda não se encontra diferenciado no fenômeno geral de violência entre pares, e os critérios que tecnicamente o destacam, que se referem à repetição do ato à falta de motivação evidente, são de difícil aferição objetiva. Nesse sentido, sua operacionalização conceitual exigiria uma consistência ainda não atingida. Por essa razão, o termo, que não tem correlato em português, é utilizado muitas vezes de modo equivocado, referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados.

No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida e associada a episódios de maus tratos na escola, fenômeno presente e conhecido de todos. Há, portanto, grande dificuldade em diferenciar o bullying de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Dessa forma, optou-se por se utilizar, ao longo da realização da pesquisa, o termo maus tratos para se referir aos atos violentos entre os estudantes fossem eles de natureza física, verbal, psicológica ou sexual.

Este estudo procura identificar e dar luz aos episódios de violência e maus tratos entre pares no ambiente escolar, que, como se verá, traduzem uma cultura contemporânea em que as formas de relação social merecem novos cuidados, em especial dos gestores da educação. Através de dados quantitativos e qualitativos, este estudo buscou conhecer as situações de violência entre pares e de bullying em escolas brasileiras.

A metodologia empregada para sua elaboração foi a pesquisa bibliográfica, ou seja, revisão da literatura, análise e compilação. Assim a pesquisa foi realizada a partir de buscas na literatura de obras referentes às temáticas: bullying, violência escolar, responsabilidade civil, estabelecimentos de ensino. De vital importância para a realização do estudo proposto, no sentido de formulações pessoais de conceitos e esclarecimentos, foram as opiniões expostas em livros, revistas, artigos e estudos publicados, inclusive na Internet.

Casos de violência nas escolas brasileiras são denunciados toda semana.

Infelizmente, o problema não é a hipérbole criada pela mídia, mas a realidade que milhares de professores de escolas públicas e privadas enfrentam todos os dias.

Entre os casos de violência mais frequentes, podemos citar as ameaças de alunos a professores, principalmente quando se trata de maus resultados escolares. Nem sempre uma nota abaixo da média é vista como um alerta para o aluno melhorar e estudar mais: para muitos alunos, a nota é vista como uma transgressão pessoal. Alguns permanecem em confronto verbal, outros partem por agressão física ou danos à propriedade do professor, principalmente carros (pneu furado é o relato mais comum). Saquear o patrimônio escolar e invadir salas também fazem parte da extensa lista de atitudes violentas no ambiente escolar. No en-

tanto, o tipo de violência mais comum é entre os próprios alunos.

Embora a violência física seja muito mais manchete, é a violência moral que mais assusta os professores em todos os níveis de ensino, do jardim de infância à universidade. Xingamentos, gestos obscenos, perturbação, indisciplina. Problemas que atrapalham o andamento das atividades pedagógicas e as relações dentro da escola. Casos de bullying - violência moral entre os próprios alunos - também chocam educadores e familiares, chegando a atravessar os muros da escola e entrar em um ambiente virtual onde situações incômodas envolvendo alunos podem ser acessadas por qualquer pessoa.

Identificar as causas da violência escolar é uma tarefa desafiadora que requer muitas informações, estatísticas, pesquisas e até suposições. Possíveis fontes de violência incluem, entre outras, problemas familiares e de relacionamento, baixa autoestima, falta de segurança, drogas, baixo envolvimento dos familiares, exclusão social. De fato, as situações de violência no ambiente escolar refletem os problemas sociais e o clima violento presente no país e no mundo.

Porém, sabe-se que a solução para a violência não está apenas na repressão, mas em um projeto político-pedagógico que contemple também outras instâncias além do ensino-aprendizagem. É necessário envolver familiares, comunidade e poder público para discutir o problema e planejar novas medidas para minimizar o problema. Afinal, aprendemos novos valores e perspectivas não só na escola.

Uma solução que as escolas têm encontrado é envolver cada vez mais os alunos em projetos fora da sala de aula que tornem a experiência acadêmica muito mais ampla e prazerosa do que as aulas tradicionais. É preciso que o professor perceba que, às vezes, se a turma está passando por situações de conflito, é melhor estimular uma conversa do que dar uma aula que não vai ser bem aproveitada. Se o estudo dos conteúdos é importante, é necessário, sim, apoiar a criação de laços de solidariedade entre a comunidade acadêmica, fornecer subsídios para o pleno exercício da cidadania e preparar os alunos para uma vivência ética na sociedade.

2. DESENVOLVIMENTO HISTORICO

Bullying é um termo da língua inglesa (bully = "bully") que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, sejam verbais ou físicas, deliberadas e repetidas, que ocorram sem motivo aparente, e cometidas por uma ou mais pessoas, causando dor e sofrimento, com o objetivo concomitante de intimidar ou atacar outras pessoas sem capacidade ou possibilidade de autodefesa, é realizado em uma relação de força ou poder desigual. (O bullying se divide em duas categorias: a) bullying direto, que é a forma mais comum entre os agressores do sexo masculino, e b) bullying indireto, que é a forma mais comum entre mulheres e crianças e é caracterizado pelo isolamento social da vítima. Normalmente, a vítima teme o perpetrador por causa de ameaças ou mesmo violência, violência física ou sexual ou perda de meios de subsistência.

O bullying é um problema mundial que pode ocorrer em quase todos os ambientes onde as pessoas interagem, como escolas, faculdades/universidades, residências, mas também pode ocorrer no local de trabalho e entre vizinhos. As escolas tendem a não reconhecer o bullying estudantil; elas não estão cientes do problema ou se recusam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde adultos estão presentes ou são supervisionados com pouca ou nenhuma supervisão. Bullying inclui apelidos depreciativos criados para humilhar colegas. As pessoas que presenciam o bullying, em sua maioria estudantes, convivem com a violência e se calam por temerem ser a "próxima vítima" do agressor. Nos espaços escolares, sem intervenções efetivas contra o bullying, o ambiente fica poluído e os alunos, sem exceção, ficam impactados, com medo e ansiosos.

Uma criança ou adolescente que sofre bullying pode crescer com emoções negativas e baixa autoestima. Eles tendem a ter sérios problemas de relacionamento e podem até apresentar comportamento agressivo. Em casos extremos, as vítimas podem tentar suicídio ou cometer suicídio. Os perpetradores de agressão são muitas vezes indivíduos empáticos que pertencem a famílias disfuncionais, onde as relações emocionais entre os membros da família são muitas vezes escassas ou instáveis. Por outro lado, os perpetradores geralmente visam pessoas menos sociáveis, com baixa capacidade de responder ou interromper comportamentos prejudiciais a eles e com fortes inseguranças que os impedem de procurar ajuda.

O bullying fere um princípio constitucional — o respeito à dignidade da pessoa humana — e fere o Código Civil, que estabelece que qualquer ato ilícito que cause danos a outra pessoa gera a obrigação de pagar uma indenização. Tendo em vista que as escolas atendem aos consumidores e são responsáveis pelo bullying que ocorre dentro dos estabelecimentos de ensino/trabalho, os responsáveis pelo bullying também podem ser enquadrados no Código de Defesa do Consumidor.

O PAPEL DA ESCOLA

Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção Anti-BULLYING vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte. Um projeto internacional europeu,

intitulado Training and Mobility of Research (TMR) Network Project: Nature and Prevention of Bullying, mantido pela Comissão Européia, teve a sua conclusão em 2001 e engloba campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha.

Diversas discussões com os representantes das escolas participantes no programa foram desenvolvidas para obtenção de alguns princípios básicos na política de intervenção, e estabeleceu-se que, em cada unidade de ensino seria criado um Conselho formado por representantes da comunidade escolar, capaz de definir e priorizar as ações de acordo com os contextos sociais e políticos locais, buscando-se, assim, as soluções mais factíveis para a resolução dos problemas relacionados ao bullying.

No Brasil, o bullying ainda é pouco pesquisado, comentado e estudado, motivo pelo qual não temos indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo aos demais países, a não ser dados de alguns estudos.

A Promotoria de Justiça elaborou um requerimento para acrescentar os casos de bullying ao Disque 100, número nacional criado para denunciar crimes contra a criança e ao adolescente. O documento foi enviado para o Ministério da Justiça e à Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Além disso, já existe um projeto de lei, de 2007, que autoriza o Poder Executivo a instituir o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo.

O bullying cada vez mais assume proporções alarmantes, atingindo todas as faixas etárias (Abrapia, 2006), desde o nascimento à morte do indivíduo, e sendo cada vez maior o número de praticantes.

Muitos pesquisadores em todo mundo estudaram este fenômeno e, nas suas pesquisas, concluíram que o bullying está a alastrar a todas as classes sociais e há uma tendência para o aumento desse comportamento com o avanço da idade (Abrapia, 2006). De notar que os adolescentes que praticam bullying têm mais probabilidade de praticar violência doméstica durante a idade adulta (Pereira, 1997).

O bullying assume duas formas: o bullying físico/direto e o bullying social/indireto (Marques, 2006).

O bullying físico/direto chama-se assim porque se caracterizam pela violência de caráter físico, como bater e empurrar, sendo também a prática mais comum dos rapazes.

Por sua vez o bullying social/indireto, assume esta definição por se voltar para a vertente psicológica, sendo mais praticado por raparigas e cujo objetivo principal é o de levar a vítima ao isolamento social, regra geral através de práticas como espalhar histórias maldosas, rejeitar, ofender e gozar com os aspectos socialmente significativos da vítima.

O bullying ocorre em qualquer lugar, data e hora onde as pessoas interajam umas com as outras, sendo a escola o local onde mais casos se dão (Wikipédia, 2007).

Porém, o bullying não ocorre unicamente nas escolas, atuando em todos os locais onde as pessoas interajam como é o caso do local de trabalho e da Internet [o chamado cyberbullying], entre outros.

CIBERBULLIYING – PERIGO ANONIMO

A Internet, que pode ser uma ferramenta de auxílio às vítimas, também é utilizada pelos agressores em uma forma ainda mais danosa de bullying, o cyberbullying, que transfere para a Internet agressões que acontecem na sala de aula, no pátio e no entorno da escola, ultrapassando os limites da instituição de ensino. A hostilidade sempre existiu no ambiente escolar, mas é potencializada na rede mundial de computadores, dada a atual facilidade de criação de sites e comunidades na Internet. Meios que vão desde e-mails e mensagens de celular, até fotos digitais e montagens humilhantes a blogs com mensagens ofensivas são usados para humilhar os colegas. Os ataques também assumem a forma de vídeos humilhantes e insultos em salas de bate-papo.

"No mundo real, agressão tem começo, meio e fim. Na internet não acaba, o espírito fica", compara Rodrigo Nejm, psicólogo e diretor de prevenção da SaferNet Brasil, ONG voltada para o desenvolvimento de ações contra a pornografia infantil na web. O resultado preliminar de uma pesquisa sobre segurança na Internet realizada no site de uma ONG chama a atenção: 46% das 510 crianças e adolescentes que responderam ao questionário disseram já ter sido vítimas de agressão na Internet pelo menos uma vez; 34,8% relataram ter sido agredidas mais de duas vezes.

"A forma virtual é mais fácil de usar do que as outras (física, verbal, sexual, material, psicológica) porque basta tocar na tecla 'enviar' para tornar os ataques reais. Tudo pode ser feito anonimamente", na escola, a identificação é mais fácil. Dependendo do grau de intensidade, as consequências podem afetar a saúde física, mental e o aprendizado. Na Inglaterra, essa forma de bullying foi responsável pelo suicídio de alguns adolescentes. E nessa categoria de bullying, as vítimas não são apenas colegas de classe, mas também professores, coordenadores e diretores de escolas. "Qualquer um de nós pode se tornar vítima de ataques cibernéticos e se deparar com fotos fixadas, piadas, comentários sexistas ou racistas sobre nossa privacidade.

De acordo com um estudo inglês encomendado pelo secretário de educação britânico, a popularização de equipamentos eletrônicos e acesso à web tem agravado os casos de bullying. Num inquérito, 70% das crianças entre os 12 e os 15 anos afirmaram já ter sido vítimas de cyberbullying, que pode ser, por exemplo, a publicação de fotomontagens na Internet, a distribuição de vídeos em que a criança é insultado ou agredido por colegas, entre outras formas de constrangimento.

No texto, os pesquisadores afirmam que o bullying é registrado em diversos países e culturas e pode causar sérios transtornos às crianças vítimas desse tipo de assédio. As consequências incluem o isolamento da criança, a deterioração do seu nível de aprendizagem e a formação de pessoas violentas. O estudo sugere uma ação mais ativa das instituições de ensino para identificar e punir os alunos que praticam bullying entre colegas e sugere que o tema seja discutido em sala de aula para criar uma cultura antibullying.

Algumas instituições brasileiras de ensino já têm tomado providências práticas para coibir o bullying. Na Escola Estadual Professor Walfredo Arantes Caldas, de São Paulo, alguns professores montaram um blog que informa e discute o problema com seus alunos.

FILMES PARA INSTRUÇÕES NA ESCOLA

Abaixo, as indicações de Lidia Aratangy para exibições na escola.

Jamaica Abaixo de Zero. Direção: Jon Turteltaub

Aparentemente, um filme sobre o espírito esportivo. Mas é também uma obra-prima sobre a solidariedade, o espírito de equipe e o respeito a si mesmo e ao outro. Fundamental.

O Clube da Felicidade e da Sorte. Direção: Wayne Wang

A história de quatro imigrantes chinesas nos Estados Unidos serve de pano de fundo

Para lidar com o choque de gerações e o preconceito.

O Banquete de Casamento. Direção: Ang Lee

O filme aborda a questão da homossexualidade masculina de maneira leve, levando o espectador a se identificar com os personagens, abalando assim os estereótipos sobre o amor e a sexualidade.

O Sol É para todos. Direção: Robert Mulligan

Um dos mais pungentes libelos contra o preconceito que o cinema já produziu.

Glória Feita de Sangue. Direção: Stanley Kubrick

Um filme sobre a irracionalidade humana, que mostra o desvario das guerras e do conceito de heroísmo.

Este Mundo É dos Loucos. Direção: Philippe de Broca

A metáfora dos loucos que tomam conta da cidade abandonada provoca o questionamento sobre a inversão dos conceitos de sanidade e doença em nossa cultura.

O Inventor de Ilusões. Direção: Steven Sodesbourgh

Relata a saga de um garoto cuja mãe sofre reiteradas internações para tratamento de saúde. O menino vive com o pai em um quarto de hotel, em St. Louis, e passa por vicissitudes para lidar com a solidão, o desamparo e a fome.

Grand Cannyon. Direção: Lawrence Kasdan

Choque de gerações e de valores, num filme denso e emocionante.

Sociedade dos Poetas Mortos Direção: Peter Weir

O professor apaixonado e criativo leva seus alunos (e a plateia) a indagações sobre o significado do conhecimento e a importância da cultura.

O Feitiço do Tempo. Direção: Harold Banis

A história aparentemente despretensiosa do repórter ranzinza e egoísta que se transforma com a repetição reiterada de um único dia de sua vida evoca temas fundamentais como a solidariedade e o preconceito.

Edward Mãos de Tesoura. Direção: TIM Burton

Recorrendo ao mito do rapaz que possuía duas tesouras no lugar das mãos, o filme trata com sensibilidade de questões como o desajeitamento do adolescente e o preconceito.

Todos os Corações do Mundo. Direção: Murilo Sales. O futebol serve de veículo para retratar diferentes expressões da emoção e momentos de solidariedade e confraternização

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este trabalho posso concluir que o bullying é uma constante nas nossas escolas e que, apesar do fenômeno ser conhecido e quase todos saberem o que é e que ele existe, é raramente admitida a sua existência naquele espaço em concreto, apesar de to-

dos saberem que existe. O bullying tende a ser considerado um fenômeno a esconder, pois admitir a sua existência é um ato de coragem. As vítimas continuam a permanecer na escuridão, escondidas do mundo, enquanto os agressores são acompanhados e auxiliados a superar este problema.

Os principais envolvidos são crianças em fase de crescimento e aprendizado que necessitam de olhares atentos, de profissionais especializados, para evitar qualquer tipo de ameaça ao seu desenvolvimento e formação. Agressor, vítima ou testemunha, independente do lugar em que se encontram na formação do bullying sofrerão com as consequências dessa violência. Enquanto alguns conseguem se livrar do passado atormentador, outros podem carregar para a vida adultos resquícios do que participaram da adolescência.

A solução está na escola que com certeza é quem deve ter um papel mais eficiente, primeiramente conscientizando-se que o problema existe e depois fiscalizando, controlando, participando os pais dos fatos ocorridos no seu interior e principalmente preparando seus profissionais para enfrentar esse tipo de agressão. Os programas para redução do bullying escolar têm sido muito eficientes nos locais que são desenvolvidos e precisam ser mais utilizados pelas instituições de ensino. A família é o ponto de partida para a análise do comportamento infantil. Através de um estudo da conduta de um agressor chega-se pontualmente ao ambiente em que vive e é a partir daí que se identificam os problemas que um jovem leva para escola. Suas ações e reações espelham o que ele presencia em casa. Por esse motivo é que os pais ou responsáveis devem participar da vida escolar do filho e no caso de omissão, serem responsabilizados solidariamente com a escola.

O estado através dos seus governantes tem a obrigação de olhar mais para a educação, dando o incentivo necessário para as instituições de ensino, que visam à formação do jovem. O Programa Educar para Paz elaborado por Cléo Fante é um exemplo de sucesso e deveria ser implantado em todas as escolas como forma de prevenir as manifestações do bullying escolar.

Sendo uma forma de violência, o bullying escolar deve ser combatido, evitado a todo custo, ser uma preocupação constante de todos, pois os envolvidos são jovens que precisam de atenção e afeto, de um tratamento diferenciado, pois eles estão em desenvolvimento e têm grandes expectativas para o futuro.

Precisamos reconhecer que o bullying escolar não é uma brincadeira de criança e é prejudicial para todos. Assumir nossa responsabilidade social e humana, afastando esse tipo de violência dos nossos jovens, é uma finalidade a ser atingida.

REFERENCIAS

BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. Curso de direito administrativo. 27. ed.

rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2010.

BARBOSA, Carlos Cezar. Responsabilidade civil do Estado e das instituições privadas nas relações de ensino. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº. 9394/96. Brasília: Senado Federal, 1996.

BULLYING, um crime nas escolas. ISTO É Independente. 2013.

CALHAU, Lélio Braga. Revista Jurídica Consulex, Brasília, ano XII, n. 276, p. 4647, 15 jul. 2008.

CAVALIERI FILHO, Sergio. Programa de responsabilidade civil. 9. ed. São Paulo:Atlas 2010.

CEARÁ. Constituição do Estado do Ceará. Fortaleza: Assembleia Legislativa do Ceará, 1989.

CRETELLA JÚNIOR, José. Administração Indireta brasileira. 4ª. ed. atual., reescrer ev. de acordo com a Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

COUTO, Sergio; SLAIBI FILHO, Nagib (Coord.). Responsabilidade civil: estudos e depoimentos no centenário do nascimento de José de Aguiar Dias (19062006). Rio de Janeiro: Forense, 2006.

CURY, Munir (Coord.). Estatuto da criança e do adolescente comentado. 9. ed.

atual. por Maria Júlia Kaial Cury. São Paulo: Malheiros, 2008.

FRIEDMANN, Adriana. Violência e Cultura de Paz na Educação Infantil.

NEPSID. Disponível em: http://www.nepsid.com.br/artigos/violencia_e_cultura_de_paz.htm Acesso em: 09 set. 2022.

FUX, Luiz. Curso de direito processual civil. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

MAKARON, Sônia. Bullying: Como enfrentá-lo? Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/ pdf/ bullying_como_enfrentar.pdf acesso em: 16 set. 2022.

SILVA, Ana Beatriz B. Bullying: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.